

# Construindo as bases de uma identidade cristã: o discurso de Tertuliano de Cartago sobre Marcião, em *Adversus Marcionem*

*Laying the foundations of a Christian identity: Tertullian of Carthage's rhetoric on Marcion in 'Adversus Marcionem'*

Willian Fernandes Garcia\*

Monica Selvatici\*\*

**Resumo:** Neste artigo, empreendemos um exame minucioso dos argumentos do autor cristão Tertuliano de Cartago acerca do cristão considerado herege, Marcião. Analisamos, por meio dele, o processo de construção, em termos do discurso, da identidade cristã, tendo por premissa a oposição discursiva entre o “verdadeiro” cristianismo e os “falsos cristianismos”, neste caso, representados pelo marcionismo. A partir dos critérios elencados pelo antropólogo Fredrik Barth, em sua teoria da etnicidade, pudemos compreender o processo de construção (ou desconstrução) de um adversário levado a cabo por Tertuliano, ao mesmo tempo que ele construía as premissas de sua identidade cristã por meio da comparação entre as ideias que ele julgava corretas em oposição ao que supostamente seus oponentes pregavam.

**Abstract:** In this article we analyze Tertullian of Carthage's arguments concerning the “heretic” Marcion. By that, we are able to see how Christian identity was built up fundamentally by the rhetorical opposition between “true” Christianity against “false Christianities”, in this case represented by Marcionism. Relying on anthropologist Fredrik Barth's theory of Ethnicity we are able to understand the process of construction (or deconstruction) of an adversary carried out by Tertullian at the same time as he built up the premises of his Christian identity through comparison between the ideas he judged correct in opposition to what was supposedly preached by his opponents.

**Palavras-chave:**

Tertuliano.  
Marcião.  
Identidade.  
História do cristianismo.

**Keywords:**

Tertullian.  
Marcion.  
Identity.  
Christianity History.

---

Recebido em: 30/10/2019  
Aprovado em: 11/03/2020

---

\* Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em Religiões e Religiosidades e licenciado em História pela mesma instituição.

\*\* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professora associada do Programa de Pós-graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

## Introdução

É exíguo o número de pesquisas em língua portuguesa cujo foco principal é a obra de Tertuliano de Cartago.<sup>1</sup> De maneira a preencher um pequeno espaço desta importante lacuna, o presente artigo tem por propósito analisar o discurso de Tertuliano em sua obra *Adversus Marcionem*, na qual ele ataca o grupo dos seguidores de Marcião de Sinope, destacado cristão da Ásia Menor no século II.<sup>2</sup>

A despeito da grande influência de Tertuliano para o desenvolvimento do cristianismo latino no Ocidente do Império Romano, poucas referências a ele sobreviveram ao tempo e chegaram até nós. Dentre elas, destaca-se aquela feita por Jerônimo em sua obra *De Viris Illustribus (Sobre homens ilustres)*:<sup>3</sup> Tertuliano teria sido presbítero da igreja de Cartago, no norte da África, no início do século III. Além das informações fornecidas por Jerônimo, temos as informações que podemos inferir de suas próprias obras. Originário de Cartago, onde viveu a maior parte de sua vida,<sup>4</sup> Tertuliano se converte ao cristianismo já adulto e depois, já próximo do final de sua vida, teria se aproximado do montanismo.<sup>5</sup> Por ter sido criado como pagão, ter se convertido tardiamente e depois ainda ter se aproximado do movimento montanista, Tertuliano teve sua imagem e suas obras, de certo modo, escanteadas pela Igreja nos séculos posteriores justamente pela veiculação da imagem de que ele teria se transformado em um herege no final da vida.

---

<sup>1</sup> Ver as teses de doutorado de Eduardo Soares de Oliveira, *Semem Sanguinis Cristianorum: a construção de um projeto de identidade cristã em Tertuliano*, de 2014; e de Sílvia Marcia Alves Siqueira, *A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II-V d.C.*, de 2004; e a dissertação de Mestrado de Claudia Beltrão da Rosa, *Tertuliano e o uso apologético da História no 'Apologeticum'*, de 1993.

<sup>2</sup> Marcião foi um cristão influente em seu tempo, pois fundou uma Igreja própria com hierarquia que perdurou por quase quatro séculos após sua morte. Historiadores e teólogos que pesquisam os movimentos cristãos nos primeiros séculos do mundo romano identificam a origem deste movimento a partir da igreja de Sinope, onde seu pai pode ter sido bispo. Marcião, ao começar a pregação de sua forma de entender o cristianismo, acabou sendo expulso da Igreja, em Sinope, e foi para Roma, onde rapidamente teria se unido à igreja de Roma, de onde também teria sido expulso após 4 anos de estadia. Após sua expulsão da igreja de Roma, ele volta a Sinope e funda sua própria Igreja. Seu discurso teológico era fortemente anti-judaico e mostrava proximidade com o gnosticismo, embora não seja usual denominá-lo como gnóstico, é certo que a influência do movimento gnóstico existe em sua pregação (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 115-116).

<sup>3</sup> Um dos mais destacados Pais da Igreja antiga, escreveu uma profusão de obras e era reconhecido também por ser um historiador da Igreja antiga. Ficou muito conhecido por ter feito a *Vulgata Latina*, primeira tradução da Bíblia para uma língua vulgar, no caso o latim, versão esta que é até hoje a versão oficial da Igreja Católica Apostólica Romana. Viveu entre a segunda metade do séc. IV e início do séc. V.

<sup>4</sup> É possível que tenha nascido por volta do ano 160 e morrido por volta do ano 220.

<sup>5</sup> Montanismo foi um movimento cristão originário da Frígia liderado por um profeta chamado Montano, que, na segunda metade do século II, se dizia possuído pelo espírito santo e proclamava a iminência do fim dos tempos. Foi um movimento marcado por um forte rigor ascético e pela espera escatológica. É provável que tenha chegado ao norte da África já no início do século III. Encontramos traços de um pensamento montanista apenas a partir das últimas obras de Tertuliano. No meio teológico, é um movimento entendido muito mais como um movimento cristão carismático do que como uma seita cristã distinta (PODOLAK, 2010, p. 17).

A obra *Adversus Marcionem* se subdivide em cinco livros, nos quais Tertuliano busca refutar e contra argumentar os ensinamentos de Marcião. No primeiro livro, o objetivo do autor é refutar o dualismo de Marcião. Para ele, não podem existir dois deuses, pois só pode haver um ser eterno e supremo, e a ideia de que poderiam existir duas divindades permitiria acreditar que existiriam infinitos deuses, sendo impossível dizer qual deveria ser adorado, por exemplo. No segundo livro, Tertuliano se atém à defesa do deus dos judeus, o criador deste mundo. Dessa forma, sua intenção é defender sua existência e a plenitude de seus atributos divinos, tais como eternidade, onipotência, onisciência e onipresença. Ele se utiliza das Escrituras hebraicas para reivindicar estes atributos. É importante salientar que Marcião não negava a existência de Yahweh, mas apenas o considerava um deus inferior e imperfeito. O terceiro livro tem como argumento central a defesa de que o deus proclamado por Jesus Cristo era o deus de Israel, Yahweh. Para Marcião, Jesus Cristo não era o messias hebraico e não representava o deus dos judeus. Ele era representante de outro deus, o Deus supremo. Tertuliano busca desenvolver seus comentários salientando as características judaicas da pregação de Cristo e ressaltando sua conexão com integrantes do povo de Israel, que foram seus ouvintes originais. Por fim, nos dois últimos livros, Tertuliano busca refutar as doutrinas marcionitas a partir de seus próprios escritos. O quarto e o quinto livros são inteiramente exclusivos sobre uma refutação, passagem por passagem, do evangelho de Marcião, de alguns trechos da *Antitheses* e do *Apostolikon*, nos quais Tertuliano busca apontar, nestes próprios textos, aspectos que revelam que o Deus proclamado no evangelho e nas cartas de Paulo era o único e mesmo Deus de Israel e o seu Cristo.

Ao construir seu discurso contra Marcião, o objetivo de Tertuliano é defender o que ele considera um tipo ideal e correto de cristianismo perante comunidades que ele entende como hereges, incorretas e desviantes do seu cristianismo. É evidente, ao longo do texto, que havia algum nível de interação entre os cristãos marcionitas e os cristãos, assim denominados por Tertuliano, apostólicos. O próprio livro é fruto desta interação. Embora a obra tenha sido escrita com o intuito principal de servir aos cristãos que compartilhavam da mesma fé de Tertuliano, para que pudessem talvez se defender ou se posicionar contra os marcionitas, são também muito frequentes trechos em que Tertuliano parece estar se dirigindo diretamente aos marcionitas, ou seja, era também sua intenção que este livro chegasse até as mãos de seus oponentes. O fato é que a produção deste tipo de discurso acaba por criar fronteiras e definir características que constroem identidades.<sup>6</sup> Vejamos como, ao se comparar e descrever Marcião, sua vida, doutrinas e

---

<sup>6</sup> Tertuliano se situa, assim, na tradição dos padres apologistas anteriores, como Irineu de Lyon na obra *Adversus haereses*, que utilizou recursos discursivos muito similares contra aqueles que ele entendia como desviantes da fé verdadeira.

formação, Tertuliano acaba contribuindo para a construção de uma identidade cristã no início do século III.

### Questões de etnicidade no discurso de Tertuliano sobre Marcião

O antropólogo norueguês Fredrik Barth (1969; 1998) identifica três características fundamentais que sustentam o processo de construção das identidades étnicas. A noção de uma identidade partilhada, possuir uma história em comum e dispor de uma herança cultural tradicional. É evidente que estes aspectos possuem estreita ligação e muitas vezes encontram justificativas em comum, como veremos, e estas três características fundamentais são construídas impreterivelmente por meio da interação social e se tornam evidentes por intermédio de um processo de descrição de si mesmo ou do grupo ao qual pertence e de descrição do outro ou do outro grupo ao qual não se pertence. Vejamos, então, na prática, como este processo funciona.

A primeira característica a ser analisada é a noção de uma identidade partilhada. Parte-se do princípio de que grupos diferentes compartilham identidades diferentes. Neste caso, estamos tratando de identidades culturais. No caso de Tertuliano, é visível a contraposição que ele faz entre civilizados e incivilizados, letrados ou intelectuais e ignorantes, greco-romanos e bárbaros. Vejamos o excerto abaixo:

O mar chamado Euxino, ou hospitaleiro, é traído pela sua natureza e ridicularizado por seu nome. Mesmo o lugar onde está situado o preveniria de ser reconhecido como hospitaleiro e, no entanto, **envergonhado de suas próprias características bárbaras ele mesmo se colocou a certa distância de nossas águas mais civilizadas**. Tribos estrangeiras o habitam, se de fato viver em carroças pode ser considerado 'habitar'. Eles não têm lugar certo para morar, sua vida é inoperante, suas atividades sexuais são promíscuas e em sua maioria desveladas mesmo quando eles a escondem. Eles alertam sobre isso ao pendurar um saco no jugo de suas carroças para que ninguém inadvertidamente entre. Tão pouco respeito eles têm por suas armas de guerra. Eles separam os corpos de seus pais junto à carne de ovelhas para engolirem em seus banquetes. Se algum deles morre em condições ruins para se comer sua morte é uma desgraça. As mulheres também perderam a gentileza junto com a modéstia de seu sexo. Elas exibem seus seios e fazem seus trabalhos domésticos munidas de machados de batalha. Elas preferem as batalhas às obrigações matrimoniais. Há dificuldade também no clima, nunca há muita luz do dia, o sol sempre pobre, o único ar que têm é neblina. O ano todo é inverno, todos os ventos que sopram vêm do Norte. A água se torna água apenas após aquecê-la. Rios não são rios, apenas gelo. As montanhas estão totalmente empilhadas de neve. Tudo é tórpido, tudo é severo. Selvageria é a única coisa morna, tal selvageria qual a que o teatro tem providenciado através dos contos Táuricos de sacrifícios, romances cólquidas e crucificações caucasianas (*Adversus Marcionem*, I, 1, grifo dos autores).

Este extenso trecho, logo no início da obra, é elucidativo do método adotado por Tertuliano ao longo de quase toda a obra. Ele inicia um processo de desconstrução do seu adversário ao qualificá-lo como oriundo de uma região bárbara cujo povo não partilha da mesma identidade helênica e civilizada da qual ele e seus leitores partilham. A contraposição é clara em relação à cultura greco-romana, considerada mais avançada para ele. Antes mesmo de descrever a pessoa de Marcião, a desconstrução de seu oponente começa pelo seu local de origem. A imagem construída por Tertuliano é sombria e selvagem. O Ponto é, para ele, símbolo da vida incivilizada e seus habitantes são descritos como verdadeiros selvagens de costumes bárbaros. É de se destacar comportamentos descritos por ele que claramente demonstram um povo com pouco pudor e carente de valores cristãos, ao menos do seu ponto de vista. Destaca-se, neste sentido, a descrição das mulheres do Ponto, que andam desnudas, guerreiam e não apresentam comportamento sutil ou de submissão aos homens, valores fundamentais para as mulheres cristãs, segundo Tertuliano. Dessa forma, ele, aos poucos, constrói um antítipo de cristão, ou seja, tudo o que um cristão não deveria ser ou fazer ele descreve como sendo característica dos habitantes do Ponto.

Vejamos outro exemplo de caracterização dos habitantes do Ponto como sendo bárbaros selvagens, apresentado por Tertuliano (*Adv. Marc.*, III, 13):

[...] é claro que é um outro assunto, se entre os homens do Ponto as crianças daquela raça bárbara partiam para a batalha... os mesmos que sabem lidar com uma lança antes mesmo de mastigar. Contudo agora, desde que não é o natural em nenhum país dar permissão para que as crianças vão para a guerra antes de aprenderem a viver.

Neste trecho, sobre as crianças que lutavam em guerras, ele torna claro o contraste entre a cultura selvagem dos bárbaros e a civilização greco-romana. No entanto, apesar de todas estas características desabonadoras, o pior acontecimento da história do Ponto é, na opinião de Tertuliano, o nascimento de Marcião. Vejamos:

Mesmo assim **a coisa mais bárbara e melancólica a respeito do Ponto é que Marcião nasceu lá**. Mais inoperante do que um Cítio, mais vagante do que um habitante de carroças, mais incivilizado do que os Massagetas, mais insolente do que as Amazonas, mais escuro do que a neblina, mais frio do que o inverno, mais áspero do que o gelo, mais traiçoeiro do que o Danúbio e mais precipitado do que o Cáucaso. Evidentemente que, quando por ele o verdadeiro Prometheus, Deus Todo-Poderoso, é rasgado em migalhas com suas blasfêmias, mais condutor de coisas ruins do que as feras selvagens daquela região bárbara é Marcião. Pois, é algum castor mais auto-castrante do que este homem que aboliu o casamento? Qual rato do Ponto é mais corrosivo do que o homem que roeu os evangelhos? (*Adv. Marc.*, I, 1, Grifo dos autores).

Marcião é a síntese de tudo o que há de ruim no Ponto, afinal de contas um lugar tão ruim com habitantes tão selvagens só poderia gerar um personagem tão nefasto quanto ele, correto? Esta é, ao menos, a lógica que Tertuliano pretende conferir a seu leitor: é impossível que um bárbaro oriundo de uma região tão incivilizada quanto o Ponto possa ser o representante do verdadeiro cristianismo. No entanto, apesar de todas as qualidades más atribuídas a ele, o pior que ele fez foi, segundo Tertuliano, adulterar o evangelho e abolir o casamento. Para Tertuliano, o casamento é instituição cristã fundamental e, ao longo de todo o livro, ele dedica vários trechos a refutar o celibato total imposto pelos marcionitas. Embora ele mesmo pregasse um comportamento ascético para os cristãos, seu ascetismo não ia tão longe quanto o dos marcionitas. Tertuliano era a favor do casamento e o sexo era visto como permitido apenas para fins de procriação e dentro do casamento. Além do mais, para ele, uma pessoa só poderia se casar apenas uma vez em sua vida, sendo irregular um segundo casamento. No entanto, é importante notar o quanto estas questões eram importantes para identificar e diferenciar as comunidades cristãs naquele momento. Vejamos um desses exemplos, no qual ele defende o casamento como característica do “verdadeiro” cristianismo:

Devemos nos perguntar se isto é justamente condenado (casamento). Não que tenhamos a intenção de demolir as bênçãos da castidade, como fazem certos Nicolaítas, advogados dos vícios e desejos. Mas sim como quem, sem condenar as relações matrimoniais, reconhece e busca a castidade dando a esta preferência não como uma coisa boa ao invés de uma coisa ruim, mas como algo melhor sobre algo bom. Pois, nós não repudiamos as relações matrimoniais, apenas as posicionamos em um nível de menor importância. Nem exigimos castidade, mas aconselhamos a favor dela. Mantendo ambas as coisas boas e melhores para que sejam seguidas de acordo com a força de cada homem (*Adv. Marc.*, I, 29).

Para Tertuliano, o casamento era algo fundamental para a vida da Igreja cristã, pois sem casamentos não poderia haver famílias e filhos, logo não haveria como o cristianismo se perpetuar ao longo do tempo. Segundo ele, Jesus ama as criancinhas, assim não poderia ser ele o representante do Deus de Marcião, pois, afinal de contas, ele abomina o casamento, cujo fruto são as criancinhas (*Adv. Marc.*, IV, 23). Como vimos, essa era uma das principais doutrinas marcionitas e, conseqüentemente, uma das que mais chamavam a atenção de Tertuliano. Ele retoma várias vezes esse assunto ao longo de sua obra, o que evidencia sua importância para a formação de sua identidade cristã, haja vista que as famílias são a base da comunidade.

Outro artifício muito utilizado por Tertuliano ao desconstruir seus oponentes é a ironia. Ao se referir a esta doutrina da proibição do matrimônio entre os marcionitas, ele o faz de modo a ridicularizar o Deus de Marcião, vejamos:

Possivelmente ele (o Deus de Marcião) tem medo do excesso de população, medo do trabalho de liberar a tantos, medo de fazer um grande número de hereges e de ter muitos marcionitas prolíficos gerados de marcionitas. Menos Bárbara do que isso era a dureza do Faraó, que os assassinou quando ainda eram recém-nascidos. O Faraó tomava suas almas, mas este aqui nem lhes dá almas. O Faraó os removia da vida, mas este aqui nem sequer os admite na vida. Em motivo de homicídio não há diferença entre os dois (*Adv. Marc.*, I., 29).

Tertuliano adota uma forma muito ácida de escrever. Não contente em refutar seus oponentes, ele ainda se permite humilhá-los e a suas crenças. É muito comum, ao longo do texto, encontrarmos Tertuliano adjetivando Marcião ou os marcionitas de “tolos”, “imprudentes”, “infelizes”, “hostis”, “desprezíveis”, “mentirosos”, “loucos”, “obstinados” e etc. São várias as qualidades pejorativas atribuídas a eles como forma de desqualificá-los pessoal e intelectualmente, como neste trecho: “os marcionitas são, em geral, astrólogos e não têm vergonha nem disso, de que suas vidas sejam dirigidas pelas estrelas do Criador” (*Adv. Marc.*, I, 18). O objetivo era o de construir uma narrativa na qual fossem apresentados como inferiores em todos os sentidos, como se esta avaliação de inferioridade fosse recair sobre suas considerações teológicas, ou seja, eram desqualificados para que seus argumentos e raciocínios também fossem postos em dúvida e desacreditados.

Ainda no que diz respeito a aspectos de identificação culturais ou comportamentais, Tertuliano menciona, em algumas passagens, “vícios” e “pecados” aos quais os marcionitas estavam sujeitos devido às fraquezas de sua religião. Vejamos um exemplo:

Portanto, vocês que se recusam a temer seu Deus porque ele é bom, o que os impede de cair em todo tipo de vícios, os grandes prazeres da vida, eu suponho, para todos aqueles que não temem a Deus? Por que se ausentar daqueles prazeres populares, da excitação das corridas, da selvageria dos shows com animais selvagens, a depravação dos palcos? Por que também diante das perseguições vocês não oferecem incensos e ganham sua vida, pela negação? (*Adv. Marc.*, I, 27).

Neste trecho, ficam evidentes as fronteiras que os cristãos não deveriam cruzar na sua vida cotidiana, algo que já observamos no primeiro capítulo e que era muito combatido por Tertuliano nos textos que escrevia para sua própria comunidade. Aqui, podemos ver mais um exemplo de cuidados que os cristãos deviam manter, segundo Tertuliano, em sua convivência social. O circo, a corrida, os teatros e principalmente o martírio. No trecho, ele critica a fraqueza da fé marcionita, que supostamente seria presa fácil para a tentação da vida no mundo romano. Mas, para nós, o importante é notar a delimitação proposta por Tertuliano no que diz respeito à interação social dos cristãos, que fica evidente quando ele julga o que é considerado vício e o que não é. Além das

questões de interação social, aparece também o problema do comportamento individual. Na mesma linha do discurso acima, Tertuliano diz o seguinte sobre os hábitos dos cristãos:

Observe que também houve consideração a respeito daqueles que cometeram gula, luxúria e depravação. Coisas que na maioria das vezes se acalma quando a barriga está disciplinada. Pois, 'o povo comeu e bebeu e se levantou para tocar'. E mais, para que a ganância do dinheiro fosse colocada em xeque, a rivalidade no uso de uma variedade cara de comidas foi posta de lado. E, por fim, o propósito era de que o homem pudesse estar mais facilmente em forma para o jejum a serviço de Deus, acostumado a escantear vícios de grande reputação e não tendo desejos de se alimentar com delícias (*Adv. Marc.*, II, 18).

Aqui, vemos Tertuliano comentando sobre hábitos alimentares e definindo quais comportamentos são considerados aceitáveis e quais são considerados vícios ou pecados dos quais os cristãos devem se abster. Grandes banquetes e festas eram comuns na vida cotidiana no mundo romano, portanto, ao propor o regramento dos hábitos alimentares dos cristãos, ele estava fazendo clara distinção entre o tipo ideal cristão e os não cristãos. Afinal de contas, os cristãos não devem ser como aquelas pessoas do mundo: gananciosas, gulosas e luxuriosas. Ao menos era este o discurso; como vimos, na prática nem sempre é assim. Um último aspecto de identidade cultural, mas não menos importante, que diz respeito à atribuição de características dentro do universo do cristianismo, são as características carismáticas da fé, ou seja, a forma pelas quais as pessoas experimentam ou vivem sua religião no seu dia a dia. Vejamos esta passagem, na qual Tertuliano cobra os marcionitas por algumas características que ele entende essenciais, mas que ele não encontra nas igrejas marcionitas:

Então deixe Marcião por em evidência qualquer dom que exista proveniente de seu Deus, qualquer profeta, desde que tudo falado não pelas emoções humanas, mas pelo espírito de Deus que prenunciou coisas que viriam a acontecer e também tornou manifestos os segredos do coração. Que ele produza um Salmo, uma visão, uma oração, desde que seja espiritual, em êxtase, que significa em suspensão da mente, se puder acrescentar também uma interpretação da língua. Também deixe que ele me prove que na sua presença alguma mulher profetizou, alguma grande comunicadora em meio àquelas mais santas mulheres deles (*Adv. Marc.*, V, 8).

Este trecho nos ajuda a visualizar a experiência de fé na comunidade de Tertuliano, é importante lembrar que neste momento ele já demonstrava apreço e aproximação pelo movimento montanista, cujas características se assemelham muito às descritas acima, uma experiência de fé carismática. No entanto, em meio a seu discurso fica evidente que ele não encontra este tipo de comportamento nas igrejas marcionitas, o que, para ele, é evidência da não comunhão destas igrejas com Deus e seu espírito santo. Pois as Igrejas

'Apostólicas', para ele, as 'verdadeiras', deviam possuir todas as características apontadas acima. Algo que ele mesmo deixa claro neste trecho: "Então a tarefa de Marcião é colocar em evidência hoje na sua Igreja algum espírito do seu Deus porque a partir de agora ele não pode mais estar suprimido e o ato de profetizar não pode mais ser desprezado" (*Adv. Marc.*, V, 15). Para Tertuliano, estas experiências carismáticas eram fundamentais no cotidiano das reuniões cristãs e constituíam características básicas, cujas verdadeiras comunidades cristãs deveriam apresentar, pois eram evidência da presença e aprovação de Deus aos seus verdadeiros fiéis.

A segunda característica fundamental da constituição dos grupos étnicos a ser analisada é a de se possuir uma história em comum. Esta é provavelmente a característica mais ressaltada nos textos dos antigos escritores cristãos para reivindicar a legitimidade de sua fé. É a reivindicação da tradição apostólica. A ligação de suas igrejas com as primeiras comunidades e os primeiros líderes cristãos faz com que seus discursos e suas reflexões teológicas sejam consideradas legítimas interpretações da fé cristã. O cristianismo proclamado nas igrejas supostamente fundadas por apóstolos do próprio Jesus tinha autoridade de verdade divina e evocava inspiração do próprio espírito santo de Deus na medida em que seus fundadores teriam sido escolhidos diretamente pelo próprio Messias. O argumento recorrente em toda a obra de Tertuliano é justamente contra a novidade que representava o Deus pregado por Marcião e o seu Cristo, que, segundo ele, não tinham ligação com as igrejas apostólicas. Vejamos um exemplo:

Na apresentação de minha posição contra todas as heresias meu hábito é de dar ênfase à evidência da datação, reivindicando que a nossa regra de fé veio primeiro e que toda heresia teve sua emergência mais recentemente (*Adv. Marc.*, V, 19).

Tertuliano apela para o reconhecimento das datas, ou seja, seu argumento é de que Marcião é posterior à era apostólica e, portanto, os textos originais e o verdadeiro Cristo foram pregados antes dele e só depois ele entrou em contato com essa pregação e com esse Cristo, modificando seu entendimento. Em vários momentos do texto, ele ressalta a distância temporal entre o início da pregação de Cristo, em Israel, e o início da pregação de Marcião, em meados do segundo século. Para ele, os mais de 100 anos de distância evidenciam a novidade do Deus proclamado por Marcião, que não era o mesmo proclamado por Jesus e seus discípulos. Vejamos como ele reforça este argumento:

Em resumo: Se é de comum acordo que o que tem a melhor reivindicação para a verdade é aquilo que vem prioritariamente mais cedo, e que possui esta prioridade aquilo que tem existido desde o princípio, e o que tem existido desde o princípio é o que vem dos apóstolos. Assim, não haverá menos concordância

de que o que foi deixado pelos apóstolos é o que é mantido sagrado e inviolado nas igrejas que os apóstolos fundaram (*Adv. Marc.*, IV, 5).

Possuir uma história em comum palpável e possível de ser traçada desde o seu princípio era, sem dúvida, o principal fator legitimador encontrado pelos antigos escritores cristãos para reivindicar a autoridade do cristianismo que pregavam, e servia de fator identificador e diferenciador entre as comunidades cristãs. Como vimos na citação acima, para Tertuliano, esse é seu principal argumento para refutar a legitimidade de todas as “heresias” ou todos os cristianismos considerados desviantes, de acordo com sua concepção da fé. E é nesse momento que se torna evidente o problema do cânon das escrituras sagradas cristãs proposto por Marcião, pois, se o legítimo cristianismo é o proclamado pelos apóstolos do Messias e eles supostamente deixaram vários textos escritos, por eles mesmos ou por discípulos ligados a eles, como não aceitar a autoridade destes escritos? Para Tertuliano, era inconcebível a rejeição proposta por Marcião de todos os escritos apostólicos exceto aqueles atribuídos ao apóstolo Paulo. Marcião alegava que tanto os evangelhos quanto as cartas atribuídas aos outros apóstolos haviam sido corrompidos ao longo do tempo no processo de transmissão desses textos e, por isso, não eram mais confiáveis. Vejamos o que diz Tertuliano sobre esta questão:

Mas se foi após a era apostólica que a verdade sofreu adulteração no que diz respeito à fé em Deus, acontece que no seu próprio tempo a tradição apostólica não sofreu adulteração no que diz respeito às regras da fé em Deus. E nós devemos ser levados a reconhecer como apostólica nenhuma outra tradição que não seja a pregada hoje pelas igrejas apostólicas. No entanto, você não encontrará nenhuma igreja de origem apostólica cujo cristianismo repudia o Criador. E mais, se essas igrejas forem consideradas como sendo corrompidas desde o princípio pode alguma igreja ser levada em consideração? [...] Coloque em evidência apenas uma de suas igrejas cuja origem é apostólica, e você terá me convencido (*Adv. Marc.*, I, 21).

Novamente, o fator legitimador é a tradição apostólica mantida nas igrejas apostólicas, cuja origem pode ser traçada desde o princípio. O desafio proposto aos marcionitas de provar a origem apostólica de ao menos uma de suas igrejas serve de demonstração da proporção desta reivindicação. Afinal de contas, se os marcionitas conseguissem provar que ao menos uma de suas igrejas tinha a origem ligada a um apóstolo, Tertuliano se veria, em suas próprias palavras, “convencido”. É notável o quanto a origem apostólica servia de fator de distinção entre os cristianismos nos primeiros séculos. Mesmo os evangelhos e os outros textos cristãos tinham de passar por esse teste para que sua autoridade fosse validada, vejamos dois exemplos:

A mesma autoridade das igrejas apostólicas serve de testemunha para os outros evangelhos, que não menos do que o de Lucas, nós possuímos através de sua atuação e de acordo com seus textos. Eu quero dizer João, Mateus e, também, aquele produzido por Marcos que é considerado como sendo de Pedro de quem Marcos era intérprete [...] (*Adv. Marc.*, IV, 5).

[...] nós temos também igrejas que foram tuteladas por João. No entanto, embora Marcião desautorize o seu Apocalipse, a sucessão de seus bispos [de suas igrejas] quando traçada de volta a suas origens se encontra alicerçada em João como seu originador, do mesmo modo a legitimidade das outras igrejas deve ser testada (*Adv. Marc.*, IV, 5).

Para Tertuliano, os evangelhos possuem autoria, os apóstolos. No entanto, Marcião não confere crédito a ninguém por seu evangelho. Ele aceita apenas Paulo como representante do verdadeiro Deus, e Tertuliano recorda que Paulo é posterior aos apóstolos de Cristo, sendo que ele mesmo reconhecia a autoridade dos outros apóstolos que o precederam. Dessa forma, seria ilegítimo recusá-los em favor apenas daquele que veio por último (*Adv. Marc.*, IV, 2). Ele não negava a existência das igrejas marcionitas e o seu alcance no mundo romano, sua preocupação era apenas com a legitimidade de sua fé. Qualificá-los como uma novidade no mundo cristão, algo posterior e sem ligação com as origens apostólicas das principais igrejas, era importante para desautorizar sua concepção religiosa, suas obras escritas e, principalmente, seu cânon de escrituras cristãs. Vejamos o que ele diz a respeito:

Admitimos que aquele evangelho também tem suas igrejas, mas elas são em si mesmas recentes e espúrias. Se você procurar sua ancestralidade é mais provável você encontrá-la de origem apóstata que de origem apostólica, tendo por fundador ou Marcião ou algum de seus seguidores (*Adv. Marc.*, IV, 5).

Desse modo, o marcionismo é caracterizado como uma novidade, algo que representa uma ruptura, que não possui vínculo, não possui uma história em comum com as origens do cristianismo e, de acordo com este raciocínio, não pode ser legítimo ou possuir uma autoridade divina. Marcião é visto como um antigo conhecedor do “verdadeiro” cristianismo, que, por razões próprias, optou por modificar e romper com a tradição apostólica e passou a pregar seu próprio cristianismo. Um verdadeiro “herege” que escolheu o desvio ao invés da tradição, como podemos ver em seguida:

Em verdade o Euxino deu à luz um animal mais aceitável para os filósofos do que para os cristãos. Aquele adorador de cães Diógenes carregava uma lamparina por volta do meio dia, em busca de um homem, enquanto Marcião ao apagar a luz de sua fé perdeu o Deus que um dia havia encontrado. Seus seguidores não podem negar que a sua fé no princípio concordava com a nossa, pois sua própria carta prova isto. Para que sem mais a acrescentar aquele homem possa ser considerado um herege ou optante, que, esquecendo o que um dia foi,

optou por conta própria por aquilo que antes não existia. Pois aquilo que são importações posteriores devem ser reconhecidas como heresia, precisamente pois deve ser considerado verdade aquilo que foi entregue desde antigamente e desde o princípio (*Adv. Marc.*, I, 1).

Por fim, o terceiro fator destacado por Barth é o de se possuir uma herança cultural tradicional. Este é, sem dúvida, o argumento central da obra *Adversus Marcionem*, pois é a partir da defesa da herança judaica, na defesa do Deus dos judeus e de suas escrituras que reside o maior fator de diferenciação entre a concepção teológica de Tertuliano e a de Marcião. O argumento central é de que a concepção religiosa proposta e defendida por Marcião proclamava um Deus estrangeiro e desconhecido, que não possuía raízes no mundo dos homens e o seu Cristo é igualmente uma novidade e nada tinha a ver com o Messias judaico. Vejamos em suas próprias palavras:

Então quando me contam sobre um novo Deus, desconhecido e sobre o qual nunca falaram no mundo antigo, nos tempos antigos do antigo Deus. Quando eu ouço que em todas aquelas eras passadas ele não existia, era antigo apenas através da ignorância dos homens sobre ele. E aquele Jesus Cristo, ele mesmo novo, mas sob nomes antigos, o revelou como ninguém havia feito até agora (*Adv. Marc.*, I, 8).

A desconexão entre as antigas raízes judaicas e a novidade do Deus proclamado por Marcião tornam seu discurso ilegítimo, pois o “verdadeiro” Deus deveria ser eterno e conhecido desde o princípio pela sua criação. O raciocínio de Tertuliano leva em conta a onipotência atribuída ao Deus que teria criado todo o universo e seria, portanto, conhecido e reconhecido por sua própria criação desde os tempos mais antigos. Sua novidade colocaria em xeque a plenitude de seus atributos divinos, logo, ele só poderia ser uma invenção posterior:

Aquele homem do Ponto achou conveniente inventar um segundo Deus enquanto negava o primeiro. Eu, entretanto, nego totalmente a existência do segundo enquanto mantenho que o primeiro é Deus em sua plenitude. Marcião só poderia construir sua mentira se primeiro destruísse a verdade (*Adv. Marc.*, II, 1).

Ele recorre ao argumento da Antiguidade como fator legitimador da sua fé, aquele Deus era conhecido por todos os povos havia muitas eras e o conhecimento dele era transmitido de geração em geração entre os povos como uma herança da humanidade. Nas palavras de Tertuliano (*Adv. Marc.*, I, 9):

O conhecimento inerente à alma desde o princípio é o dom de Deus, o mesmo e único seja entre os Egípcios, Sírios ou homens do Ponto. É o Deus dos Judeus que a alma dos homens chama de Deus. Abstenha, bárbaro e herege, de colocar

Abraão como mais velho do que o mundo. Mesmo que Deus tenha sido o criador de uma família e mais nenhuma, ele não era posterior ao seu Deus. Até mesmo os homens do Ponto o conheciam antes mesmo de conhecerem a seu Deus.

De modo que todo ser humano sobre a face da terra de algum modo reconhecia a divindade do Criador devido ao dom da vida incutido na alma de toda a Criação divina. Dessa forma, Tertuliano cria um laço eterno entre os homens e Deus, ou seja, o Criador possuía um vínculo com toda sua criação, de modo que o Deus de Marcião, nunca antes proclamado, não possuía conexão com os homens, logo, era um estrangeiro e “nenhuma menção jamais foi feita de um segundo Deus ou um segundo Cristo até a ofensa de Marcião vir à tona” (*Adv. Marc.*, III, 1). Assim, o Deus e, principalmente, o Cristo de Marcião têm sua origem questionada e Tertuliano aproveita para caracterizá-lo como fruto de inspirações pagãs, especialmente de filósofos. Para ele, “nosso conhecimento sobre Deus veio a nós pelos profetas e por Cristo, não por filósofos nem por Epicuro” (*Adv. Marc.*, II, 16).<sup>7</sup> Uma dupla distinção aqui é feita: a origem, na filosofia, da religiosidade de Marcião em contraposição à origem divina, tradicional e antiga, vinculada à religiosidade de Tertuliano, que se tornou conhecida “pelos profetas”. A distinção é clara, a ideia de que a “verdade” possui uma base sólida e confiável enquanto a heresia é fruto de reflexões vãs e se origina dos homens nos meios pagãos. O verdadeiro Cristo já havia sido prenunciado pelos profetas por meio das escrituras hebraicas. E tudo o que se cumpriu em Jesus Cristo foi profetizado no passado pelos servos do Criador, vejamos:

Sendo assim, eu proponho para provar que os mesmos milagres, que são a única evidência que vocês utilizam para dar razão a sua crença em Cristo. O Criador já há muito tempo, de tempos em tempos, os escreveu através de seus servos e desde muito tempo tem indicado que seriam cumpridos pelo seu Cristo (*Adv. Marc.*, III 3).

Marcião é acusado de ter inventado uma separação entre a Lei e o Evangelho, entre o Antigo e o Novo Testamento, e de ter colocado em lados oposto Yahweh e Jesus. Para Tertuliano, o Cristo e seus apóstolos jamais pregaram essa distinção, sendo que o Deus de Marcião “[...] não foi revelado por Cristo, que veio antes da separação, mas foi inventado por Marcião” (*Adv. Marc.*, I, 19). Esta separação, muito explorada em sua obra *Antitheses*, é o centro da fé marcionita, e justamente por isso é que a defesa da herança judaica do cristianismo é fundamental para Tertuliano deslegitimar seu oponente. Como ele mesmo diz:

---

<sup>7</sup> Filósofo grego do século III a.C. cujo pensamento se centrava na ideia da busca pela felicidade por meio dos prazeres simples da vida cotidiana (YOUNG, 2010, p. 279).

A separação da Lei e do Evangelho é a primeira e principal exploração de Marcião. Seus discípulos não podem negar o principal argumento de seu documento, o documento pelo qual eles são induzidos e confirmados nesta heresia. Pois esta é a Antítese de Marcião, ou oposições contrárias, que foi projetada para mostrar o conflito e o desacordo entre a Lei e o Evangelho (*Adv. Marc.*, I, 19).

Dessa forma, Tertuliano defende exaustivamente a herança judaica por intermédio da leitura e interpretação de diversas passagens das Escrituras hebraicas, que, no seu entendimento, se mostram em total conexão com passagens das Escrituras cristãs, mesmo aqueles textos mantidos por Marcião. No entanto, ele faz questão de ressaltar que, para dar razão à sua interpretação, Marcião teria propositalmente adulterado os evangelhos, vejamos: “No entanto, presumivelmente Marcião apagou do evangelho o testemunho de Cristo sobre o Criador” (*Adv. Marc.*, II, 17). Como vimos, se houve de fato uma adulteração dos textos preservados por marcionitas, nós ainda não temos como afirmar com certeza. Esta é uma das questões que permanecem em discussão no meio acadêmico. O que podemos afirmar com certeza é que Tertuliano se viu muito irritado ao não encontrar, nos textos marcionitas, passagens que evidenciam, segundo a sua interpretação, a conexão entre as Escrituras hebraicas e cristãs.

No entanto, apesar de sua irritação, Tertuliano procura demonstrar minuciosamente, principalmente por meio de seus dois últimos livros, nos quais ele comenta passagem por passagem os textos de Marcião, que mesmo em seu próprio evangelho e no *Apostolikon*, há evidências claras para defender a herança judaica de Cristo. Ou seja, mesmo nos textos marcionitas, ele aponta como o cristianismo é um desenvolvimento do judaísmo e que o Deus dos judeus é o único e mesmo Deus proclamado por Jesus Cristo e seus apóstolos, sendo Jesus Cristo o Messias prenunciado pelos profetas judaicos. Uma minuciosa e extensa argumentação que aparece reafirmada por toda a obra e serve para defender a conexão entre Yahweh e Jesus Cristo. Para ele, Jesus não descumpriu a Lei, mas a tornou perfeita e a levou à plenitude, vejamos:

De fato, a própria ansiedade de Marcião, no que diz respeito às circunstâncias já citadas, de colocar Cristo em oposição ao Criador, na verdade reforça a sua unidade [...]. Portanto, a antítese de Marcião torna mais fácil explicar como o modo de agir do Criador foi remodelado por Cristo ao invés de repudiado, restaurado ao invés de rejeitado (*Adv. Marc.*, II, 29).

O evangelho é visto como um avanço, uma reinterpretação que leva à plenitude algo que ainda era incompleto. Nas suas próprias palavras: “e assim também o evangelho é separado da Lei porque ele é um avanço a partir da Lei, diferente da Lei, contudo não é estranho à Lei, diferente, entretanto não oposto” (*Adv. Marc.*, IV, 11).

Assim, Tertuliano busca destacar que, apesar de uma aparente contradição entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, o próprio Deus havia predito, por meio de seus profetas, que a Lei teria um cumprimento até um tempo determinado e depois seria renovada. Vejamos as palavras de Tertuliano (*Adv. Marc.*, V, 2):

Nós também afirmamos que a 1ª epístola contra o Judaísmo é aquela apresentada aos Gálatas. E nós recebemos de braços abertos toda aquela abolição da antiga Lei. A abolição em si mesmo deriva da ordem do Criador, e eu já discuti mais de uma vez neste livro sobre a renovação prenunciada pelos profetas do Deus que é o meu. Mas, se o Criador prometeu que as coisas antigas iriam passar, porque ele disse que coisas novas viriam e Cristo marcou a data daquela passagem colocando João como uma fronteira fixa entre uma ordem e a outra, de coisas antigas chegando ao fim e novas coisas começando. O apóstolo também por necessidade revelou em Cristo após João, invalidando as coisas antigas enquanto validava as coisas novas. E, portanto, levava em consideração a este respeito a fé de nenhum outro Deus que não o Criador sob cuja autoridade foi profetizado que as coisas antigas passarão.

O detalhe decisivo, para Tertuliano, é encontrado no próprio evangelho de Marcião, no qual Jesus Cristo é identificado por um de seus apóstolos como “Filho de Davi”. Aparentemente um mero detalhe, mas que, para ele, vincula indiscutivelmente Jesus à figura do Messias judaico profetizado nas antigas Escrituras hebraicas. Segundo Tertuliano, “mas, de fato, por esta expressão, ‘Filho de Davi’, eu posso, nos seus próprios termos, destruir o argumento da antítese” (*Adv. Marc.*, V, 36). De fato, pareceria lógico para um profundo conhecedor dos textos hebraicos visualizar a conexão expressa no termo “Filho de Davi”: Davi, o principal rei judaico, figura tipológica do Messias aguardado, além da grande variedade de profecias judaicas que apontavam o Messias vindouro como oriundo da descendência de Davi. Logo, para Tertuliano, a batalha contra os marcionitas estava ganha.

A defesa da herança tradicional judaica se tornou um dos pontos centrais da obra de Tertuliano, que contribuiu para construir um discurso que conectava Cristo e o cristianismo ao judaísmo, como origem e fim de um processo. A legitimidade do “verdadeiro” cristianismo estava, assim, fortemente amarrada à conjunção de três fatores decisivos e interligados, as “verdadeiras” igrejas cristãs eram aquelas que compartilhavam uma mesma identidade, possuíam uma história em comum e estavam pautadas pela defesa e continuidade de uma herança cultural tradicional, o judaísmo.

## Conclusão

As relações entre os cristãos e os não cristãos foram assunto de primeira importância para os antigos escritores cristãos. Desde o século I, via-se a necessidade de delimitar o

que se podia ou não fazer, ou qual era o melhor comportamento de um “verdadeiro” cristão no exercício do convívio social. Como o cristianismo ainda era uma novidade no âmbito do Império Romano, era natural que as bases fundamentais de sua identidade necessitassem ser construídas no seio de suas primeiras comunidades. Espelhar-se nos outros para definir quem eram os cristãos foi desde o início o principal método utilizado pelas lideranças cristãs para construir fronteiras identitárias. Definir um antítipo para se auto definir foi a maneira encontrada para levar a cabo esta tarefa. A obra de Tertuliano de Cartago é um exemplo deste processo. Por meio de sua análise, conseguimos observar o quanto a elaboração de seu discurso age neste sentido, de consolidar as bases da identidade cristã.

Voltemos, desse modo, nossa atenção para o livro *Adversus Marcionem* com o intuito de analisar, na prática, como se deu o processo de construção de um antítipo cristão, ao mesmo tempo que se construía uma ideia tipológica do que deveria ser o “verdadeiro” cristianismo. A interação social com os marcionitas acabou gerando a necessidade de uma resposta por parte do presbítero Tertuliano contra aquilo que ele considerava uma heresia, ou um desvio do “verdadeiro” cristianismo. Ou seja, ao desconstruir seu oponente e seu sistema de crenças, o discurso de Tertuliano acabou por solidificar e estabelecer limites para determinada visão do cristianismo, que ele denomina cristianismo apostólico, um tipo ideal de cristianismo que aos poucos ganhava legitimidade no Mundo Antigo.

Por fim, torna-se claro, para nós, que estudar o processo de construção das identidades no cristianismo antigo contribui para a compreensão do discurso de alteridade e exclusão que as religiões, por vezes, adotam. Esta é uma realidade muito presente nos dias atuais. Entender o processo de elaboração de tais discursos no Mundo Antigo permite desconstruir mais facilmente o seu uso na atualidade – procedimento este importante que nos auxilia na construção de uma sociedade mais tolerante, plural e democrática, no qual o respeito ao outro e às diferenças seja um valor fundamental.

## Referências

### Documentação textual

QUINTUS TERTULLIAN. *Adversus Marcionem*. English translation by Ernest Evans. Oxford: Oxford University Press, 1972.

**Obras de apoio**

- ALTANER, B.; STUIBER A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998, p. 185-228.
- BARTH, F. Introduction. In: BARTH, F. (Ed.). *Ethnic groups and boundaries*. Boston: Little Brown, 1969, p. 9-38.
- FERGUSON, E. Tertullian. The expository times. *Sage Publications*, v. 120, n. 7, p. 313-321, 2009.
- FOSTER, P. Marcion: his life, works, beliefs and impact. *The Expository Times*, v. 121, n. 6, p. 269-280, 2010.
- FUNARI, P. P. A. Identidades fluidas. In: NOGUEIRA, P. A. S.; FUNARI, P. P. A.; COLLINS, J. J. (Org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 11-14.
- JONES, S. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: FUNARI, P. P.; ORSER JR., SCHIAVETTO, S. N. O. (Org.). *Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 27-43.
- LOPES, G. *Patrística Pré-Nicena*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MCGIFFERT, A. C. The origin of high-Church episcopacy. *The American Journal of Theology*, v. VI, n. 3, p. 417-438, 1902.
- MOLL, S. Marcion: a new perspective on his life, theology, and impact. *The Expository Times*, v. 121, n. 6, p. 281-286, 2010.
- MOLL, S. Three against Tertullian: the second tradition about Marcion's life. *Journal of Theological Studies*, v. 59, p. 169-180, 2008.
- PIÑERO, A. *Los cristianismos derrotados*. ¿Cuál Fue el pensamiento de los primeiros cristianos heréticos y heterodoxos?. Madrid: Edaf, 2007.
- PODOLAK, P. *Tertuliano*. São Paulo: Loyola, 2010.
- ROTH, D. T. Did Tertullian possess a Greek copy or Latin translation of Marcion's Gospel? *Vigiliae Christianae*, v. 63, p. 429-467, 2009.
- ROTH, D. T. Marcion's Gospel and Luke: the history of research in current debate. *Journal of Biblical Literature*, v. 127, n. 3, p. 513-527, 2008.
- ROTH, D. T. Marcion's Gospel: relevance, contested issues, and reconstruction. *The Expository Times*, v. 121, n. 6, p. 287-294, 2010.

- ROTH, D. T. Matthean texts and Tetullian's accusations in *Adversus Marcionem*. *Journal of Theological Studies*, v. 59, p. 580-597, 2008.
- SCHERBENSKE, Eric W. Marcion's antithesis and the isagogic genre. *Vigiliae Christianae*, v. 64, p. 255-279, 2010.
- SELVATICI, M. A formação do cânon do Novo Testamento: atos dos Apóstolos e a construção de uma unidade cristã. In: SILVA, G. V.; LEITE, L. R. (Org.). *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: Edufes, 2013, p. 196-208.
- WILLIAMS, D. S. Reconsidering Marcion's Gospel. *Journal of Biblical Literature*, v. 108, n. 3, p. 477-496, 1989.
- YOUNG, J. *Friedrich Nietzsche: a philosophical biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.